

Língua, Discurso, Texto, Dialogismo e Sujeito: compreendendo os gêneros discursivos na concepção dialógica, sócio-histórica e ideológica da língua(gem)

Urbano Cavalcante Filho¹ e Vânia Lúcia Menezes Torga²

¹Instituto Federal da Bahia (IFBA), *Campus Ilhéus*
Ilhéus, Bahia, 45650-000, Brasil

²Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC)
Ilhéus, Bahia, 45662-900, Brasil

urbano@ifba.edu.br, vtorga@uol.com.br

RESUMO

O presente trabalho tem o propósito de propor uma reflexão em torno de conceitos considerados fundadores da noção de gênero discursivo, na concepção bakhtiniana, a saber: língua, discurso, texto, dialogismo e sujeito. A predileção em torno de tais noções se pauta no preceito de que, para Bakhtin, além de linguagem e sujeito se implicarem mutuamente, todos estão interligados e estabelecem uma relação de dependência mútua. De posse da compreensão desses conceitos, empreendemos esforços no tratamento do gênero a partir de tais postulados, alicerçados numa perspectiva dialógica, sócio-histórica e ideológica da língua(gem).

0 INTRODUÇÃO

A noção de gênero, na perspectiva do Círculo de Bakhtin¹, exige-nos que tenhamos clareza e compreensão a respeito de alguns conceitos nucleares que alicerçam tal noção. Por isso, na intenção de apreender e contextualizar a discussão que proponho neste trabalho, na perspectiva dialógica, sócio-histórica e ideológica da língua(gem), acionarei, preliminarmente, para uma reflexão breve, os conceitos de enunciado, língua, discurso, texto, dialogismo e sujeito, conceitos esses que julgo basilares para se entender a noção de gênero, na perspectiva bakhtiniana. A minha intenção em discutir tais temas se pauta no preceito de que, para Bakhtin, além de linguagem e sujeito se implicarem mutuamente, todos estão interligados e estabelecem uma relação de dependência mútua.

Na crença do teórico russo, não é possível a desvinculação da personalidade do indivíduo da língua (discurso), uma vez que “a atividade mental, suas motivações subjetivas, suas intenções, seus desígnios conscientemente estilísticos, não existem fora de sua materialização objetiva na língua” (BAKHTIN, 1992, p. 188). Com isso, é possível afirmar, de imediato, que a língua não é vista como sistema abstrato de signos e, tampouco, como a expressão do pensamento individual.

Portanto, na sequência deste texto, minha intenção é discutir as noções de enunciado, língua, discurso, texto, dialogismo e sujeito para, a partir desse alicerce posto, conceituar os gêneros discursivos, na perspectiva dialógica da linguagem.

0.1 Enunciado

A ideia de que o uso da língua se efetua em forma de enunciados (orais e escritos), concretos e únicos, “proferidos” pelos participantes de uma ou outra esfera da atividade humana; que o enunciado é irrepitível, tendo em vista que é um evento único (pode somente ser citado); que o enunciado é a unidade real da comunicação discursiva, já que o discurso só tem possibilidade de existir na forma de enunciados e que o estudo do enunciado como unidade real da comunicação discursiva permite compreender de uma maneira mais correta a natureza das unidades da língua (a palavra e a oração, por exemplo), faz parte das afirmações feitas por Bakhtin no texto *Os gêneros do discurso* (2003a). Em outro manuscrito, *O problema do texto na lingüística, na filosofia e em outras ciências humanas*, há a afirmação de que “a língua, a palavra são quase tudo na vida humana” (BAKHTIN, 2003b, p. 324).

O enunciado é visto por Bakhtin como a unidade da comunicação discursiva. Cada enunciado constitui um novo acontecimento, um evento único e irrepitível da comunicação discursiva. Ele só pode ser citado e não repetido, pois, nesse caso, constitui-se como um novo acontecimento. O enunciado nasce na inter-relação discursiva, por isso que não pode ser nem o primeiro nem o último, pois já é resposta a outros enunciados, ou seja, surge como sua réplica.

Diante disso, observo que a concepção bakhtiniana de enunciado não pode ser a frase enunciada, que se constituiria em partes textuais enunciada, mas trata-se de uma unidade mais complexa que transcende os limites do próprio texto, quando este é tratado apenas sob o prisma da língua e de sua organização textual. Na teoria de Bakhtin, os romances, as crônicas, as saudações, as cartas, as conversas de salão etc., são considerados exemplos de enunciado. Porém, tomando como um *a priori* a ideia de que todo enunciado constitui-se a partir de outros enunciados (tanto os já-ditos como os previstos), muitos deles atravessam as fronteiras do enunciado,

¹ Círculo de Bakhtin é a denominação pelos pesquisadores ao grupo de intelectuais russos que se reunia regularmente no período de 1919 a 1974, dentre os quais fizeram parte Bakhtin, Voloshinov e Medvedev. Bakhtin faleceu em 1975, Voloshinov, na década de 1920 e Medvedev, provavelmente, na década de 1940.

concretizando-se nos diversos modos de citação do discurso do outro (os enunciados no enunciado).

Fica perceptível, diante dessas considerações, que o enunciado deve ser considerado interligado à situação social (imediate e ampla) em que é produzido e está inserido. Isto é, o enunciado não pode ser compreendido dissociado das relações sociais que o suscitaram, pois o “discurso”, como fenômeno de comunicação social, é determinado por tais relações.

Isso significa dizer que essa noção de enunciado como um todo de sentido não se limita apenas a sua dimensão linguística, mas concebe a situação social (ou dimensão extraverbal) como elemento constitutivo. Portanto, o enunciado bakhtiniano “não é a frase ou a oração enunciada, mas, se quisermos manter uma analogia, o texto enunciado (texto + situação social de interação = enunciado)” (RODRIGUES, 2005, p. 162).

0.2 Língua

O conceito de língua, que está no escopo da filosofia da linguagem, da gramática e da linguística, ou de modo amplo, nos estudos da linguagem, apresenta recortes (linguagem, língua, fala, discurso etc.) e respostas (conceitos) diversos nessas áreas. Na abordagem desse trabalho, no entanto, encarar-la-ei na perspectiva bakhtiniana.

Bakhtin, na tentativa de conceber a noção de língua e compreender sua realidade fundamental, bem como seu modo de existência, afirma que a língua deve ser entendida “como um fenômeno social da *interação verbal*, realizada pela *enunciação* (enunciado) ou *enunciações* (enunciados)”, e “não constituída por um sistema abstrato de formas lingüísticas [língua como sistema de formas – objetivismo abstrato] nem pela enunciação monológica isolada [língua como expressão de uma consciência individual – subjetivismo individualista], nem pelo ato psicofisiológico de sua produção [atividade mental]” (BAKHTIN, 1992, p. 123, grifos do autor).

Para o pensador russo, a língua é uma atividade essencialmente social dada as condições inquestionáveis de comunicação entre os falantes. Nega, portanto, o objetivismo abstrato, que não aceitava a capacidade de as línguas evoluírem através do tempo, tampouco que a mesma só pode ser compreendida no seu processo real de uso. Nega, também, o subjetivismo individualista, que assume ser o indivíduo o centro de estudo da linguagem, como se não sofresse influências significativas do contexto que vivencia, direcionando sua fala para um outro.

Diante dessa constatação, é possível concluir que, na concepção do autor, a interação verbal social constitui a realidade fundamental da língua e seu modo de existência encontra-se atrelado à comunicação discursiva concreta (concernente à vida cotidiana, da arte, da ciência etc.), vinculada, por conseguinte, a uma situação social imediata e ampla.

0.3 Discurso

Com base em Rodrigues (2005), é possível observarmos que parece haver, de certa forma, uma indefinição teórica ou uma flutuação terminológica em torno da conceituação dos termos língua e discurso. A pergunta é: são termos intercambiáveis ou conceitualmente distintos? A pergunta se justifica porque há situações no Círculo em que os termos língua e discurso são intercambiáveis e outras vezes

são tidos como conceitos teóricos distintos. Há, em outros textos, a opção pelo termo discurso, cuja conceituação diferencia-se da noção de língua como sistema de formas. É no livro *Problemas da poética de Dostoiévski* que se pode encontrar explicitada a distinção entre língua e discurso: “Intitulamos este capítulo ‘O discurso em Dostoiévski’ porque temos em vista o *discurso*, ou seja, a língua em sua integridade concreta e viva e não a língua como objeto da lingüística, obtido por meio de uma abstração absolutamente legítima e necessária de alguns aspectos da vida concreta do discurso (BAKHTIN, 1997b, p. 181, grifos do autor).

Ou seja, entender a língua como discurso significa não ser possível desvinculá-la de seus falantes e de seus atos, das esferas sociais, dos valores ideológicos que a norteiam. Por isso que, no conceito de língua, vista como objeto da linguística, não há e nem pode haver quaisquer relações dialógicas (dialogismo), pois elas são impossíveis entre os elementos no sistema da língua (entre os morfemas, as palavras, as orações etc.), entre os elementos da língua no texto e mesmo entre os elementos do “texto” e os textos no seu enfoque “rigorosamente lingüístico”.

0.4 Texto

Bakhtin diz em *O problema do texto na lingüística, na filologia e em outras ciências humanas* (2003b), que o texto (verbal – oral ou escrito – ou também em outra forma semiótica), é a unidade, o dado (realidade) primário e o ponto de partida para todas as disciplinas do campo das ciências humanas, apesar de suas finalidades científicas diversas. O texto constitui a realidade imediata para que se possa estudar o homem social e a sua linguagem, já que sua constituição bem como sua linguagem é mediada pelo texto; é através do texto que o homem exprime suas ideias e sentimentos. Assim, podemos dizer que essa concepção de texto vai ao encontro da concepção de enunciado, por recobrir “um só fenômeno concreto”.

Ainda sobre sua concepção da noção de texto, Bakhtin, no mesmo manuscrito, apresenta duas características que “determinam” o texto como enunciado; são elas: i) o seu projeto discursivo (entendendo-o como o autor e o seu querer dizer), e ii) a realização desse projeto (trata-se da produção do enunciado atrelado às condições de interação e a relação com os outros enunciados (já-ditos e previstos). O texto visto como enunciado tem uma função dialógica particular, autor e destinatário mantêm relações dialógicas com outros textos (textos-enunciados) etc., isto é, têm as mesmas características do enunciado, pois é concebido como tal.

O que faz do texto um enunciado, na concepção bakhtiniana, é ele ser analisado na sua integridade concreta e viva (ou seja, consideram-se os seus aspectos sociais como constitutivos), e não como objeto da linguística do texto de vezo mais imanente. Com isso não quero dizer que Bakhtin não reconheça a legitimidade do estudo do texto visto como fenômeno puramente lingüístico ou textual, mas sua orientação caminha para outra direção, a de encarar o texto como fenômeno sociodiscursivo, vinculado às condições concretas da vida.

0.5 Dialogismo

A noção de dialogismo² - escrita em que se lê o outro, o discurso do outro - pode ser encarado como filosofia de vida, fundamentação da política, concepção de mundo, entre outras perspectivas. Aqui, interessa-me pensá-lo e restringi-lo aos domínios da linguagem. Para tal empreitada, tomo como aporte, novamente, o pensamento do intelectual soviético, Mikhail Bakhtin.

Na perspectiva bakhtiniana, o princípio dialógico é a característica essencial da linguagem, é um princípio constitutivo da linguagem e intrínseco à mesma. Nas palavras de Barros (2003, p. 2), “é a condição do sentido do discurso”. Partindo da concepção bakhtiniana, Barros afirma que o processo dialógico da linguagem pode ser entendido sob dois aspectos: o da interação verbal entre o enunciador e o enunciatário, no espaço do texto; e o da intertextualidade no interior do discurso.

Na primeira dimensão, a linguagem é o elemento que estabelece a relação entre os seres humanos e propicia a experiência da intersecção ou interação entre interlocutores. Assim, o homem encontra-se numa relação dialógica entre o eu e o tu, ou entre o eu e o outro, no texto. A existência está subordinada à abertura para o outro; dessa forma, estabelece-se uma relação de alteridade, noção, aliás, fundamental à compreensão de dialogismo. Nessa perspectiva, é condição *sine qua non* considerar o papel do “outro” na constituição do sentido, tendo em vista que nenhuma palavra é nossa, mas traz em si a perspectiva de outra voz.

Já na segunda dimensão, percebe-se que o indivíduo não é a origem do seu dizer. Dito de outra forma, o sentido não é originado no instante da enunciação, ele faz parte de um processo contínuo, em que “tudo vem do exterior por meio da palavra do outro”, sendo o enunciado “um elo de uma cadeia infinita de enunciados, um ponto de encontro de opiniões e visões de mundo”. O texto é tecido polifonicamente por fios dialógicos de vozes que polemizam entre si, se completam ou respondem umas às outras.

0.6 Sujeito

Sabendo-se que, em seus escritos, Bakhtin deixa clara sua concepção dialógica de língua, conseqüentemente, também o será a de sujeito: ambos (língua e sujeito) são povoados por discursos alheios e por relações dialógicas (confronto, aceitação, recusa, negação...) entre esses discursos. Nessas relações, são reproduzidas as dinâmicas sociais e as lutas ideológicas presentes em uma dada comunidade de classes.

Dessa forma, nessa esteira de entendimento da concepção dialógica da linguagem, posso afirmar que o sujeito se constitui na sua relação com os outros: tudo o que pertence à consciência chega a ela através dos outros, das palavras dos outros. Na voz de Bakhtin (1997b, p. 317): “nosso próprio pensamento [...] nasce e forma-se em interação e em luta com o pensamento alheio, o que não pode deixar

de refletir nas formas de expressão verbal do nosso pensamento”.

O sujeito concebido por Bakhtin não é autônomo nem criador de sua própria linguagem; ao contrário, ele se constitui na relação com outros indivíduos, que é atravessada por diferentes usos da linguagem, de acordo com a esfera social na qual o sujeito se inscreve. Isso significa dizer que esse sujeito deve ser visto em relação às categorias de dispersão, do concreto, do singular, da alteridade, do diálogo, do convívio, do discursivo, do heterogêneo, do sentido e do dever, ao invés da centralização, do abstrato, do repetido, do monólogo, da solidão, do sistema abstrato de signos, do homogêneo, da significação e da cristalização.

Para concluir, os sujeitos se apropriam da linguagem ao se tornarem imersos nas variadas formas de comunicação verbal, que se associam a diferentes esferas da comunicação humana e que definem os infinitos gêneros discursivos existentes. Pensando assim, e partindo da ideia de que cada esfera de utilização da língua elabora seus “tipos relativamente estáveis de enunciados”, que, segundo Bakhtin, são chamados de gêneros discursivos, o que são, afinal, os gêneros discursivos, nessa perspectiva? Isso é o que tratarei na seção a seguir, para finalizar a discussão deste capítulo.

2 O QUE SÃO OS GÊNEROS DISCURSIVOS, NA PERSPECTIVA DIALÓGICA, SÓCIO-HISTÓRICA E IDEOLÓGICA DA LÍNGUA(GEM)?

A questão do gênero foi preocupação primeira da poética e da retórica e não da linguística. Sobre isso, Brandão (2003, p. 35) elenca duas razões: primeiro, porque a linguística, enquanto ciência específica da linguagem, é recente, e depois porque a preocupação inicial, no âmbito dos estudos linguísticos, foi com as unidades menores que o texto (a exemplo do fonema, da palavra, da frase). Na medida em que ela passa a se preocupar com o texto, começa a pensar na questão da classificação. Essa preocupação se torna crucial quando ela deixa de trabalhar somente com textos literários, mas se volta também para o funcionamento de qualquer tipo de texto (BRANDÃO, 2003).

A discussão em torno da noção de gênero também é encontrada em muitos trabalhos do Círculo de Bakhtin, seja quando o tratamento se volta para a defesa do romance como gênero literário, no trabalho com os gêneros intercalados como uma das formas composicionais de introdução e de organização do plurilinguismo no romance, na abordagem do romance polifônico em Dostoiévski, no papel e o lugar dos gêneros nos estudos marxistas da linguagem, nos gêneros como uma das forças sociais de estratificação da língua (uma das forças centrífugas) ou no alargamento da noção dos gêneros para todas as práticas de linguagem.

Em seus escritos, Mikhail Bakhtin (1997a) focaliza sua reflexão no caráter social dos fatos de linguagem. Nessa perspectiva, como já abordado neste trabalho, observa-se que Bakhtin pretere a oração como unidade de análise de comunicação verbal, visto que o ato comunicacional, enquanto atividade social, é marcado pelo diálogo, pela possibilidade de interação. Dessa forma, o enunciado é encarado como produto da interação verbal, determinado tanto por uma situação material concreta como pelo contexto mais amplo que constitui o conjunto das

² Esse conceito de dialogismo tem possibilitado o desenvolvimento de estudos atuais de formas diversas, no seio de diferentes concepções teóricas. Vejam-se a análise do discurso jansenista de D. Maingueneau; os estudos da polifonia de O. Ducrot; a perspectiva semiótica de exame da enunciação; a semiótica da cultura da Escola de Tartu (BARROS, 2003, p. 4).

condições de vida de uma dada comunidade linguística. Com isso, é perceptível, em suas abordagens, a presença de um componente social, já que o enunciado de um falante é precedido e sucedido pelo de um outro. Essa é uma posição defendida por Bakhtin (1997a), ao tratar a língua em seus aspectos discursivos e enunciativos, e não em suas peculiaridades formais e estruturais. Com essa noção, Bakhtin ratifica a concepção de encarar a linguagem como um fenômeno social, histórico e ideológico, definindo um enunciado como uma verdadeira unidade de comunicação verbal.

Em seu ensaio de 1979, publicado originalmente em russo, Bakhtin (1997a, p. 279), aponta os gêneros discursivos como “tipos relativamente estáveis de enunciados”³ e que “A utilização da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos), concretos e únicos, que emanam dos integrantes duma ou doutra esfera da atividade humana. O enunciado reflete as condições específicas e as finalidades de cada uma dessas esferas, não só por seu conteúdo (temático) e por seu estilo verbal, ou seja, pela seleção operada nos recursos da língua – recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais -, mas também, e sobretudo, por sua construção composicional”.

Dessa forma, Bakhtin estende os limites da competência linguística dos sujeitos para além da frase na direção dos “tipos relativamente estáveis de enunciados” e do que ele chama “a sintaxe das grandes massas verbais”, isto é, os *gêneros discursivos*, os quais temos contato e nos quais vivemos imersos desde o início de nossas atividades de linguagem.

Então, amparados na concepção bakhtiniana, os gêneros discursivos não devem ser concebidos apenas como forma, e que, portanto, possam ser distinguidos pelas suas propriedades formais (embora os gêneros mais estabilizados possam ser “reconhecidos” pela sua dimensão linguístico-textual), pois não é a forma em si que “cria” e define o gênero: “Os formalistas geralmente definem gênero como um certo conjunto específico e constante de dispositivos com uma dominante definida. Como os dispositivos básicos já tinham sido previamente definidos, o gênero foi mecanicamente compreendido como sendo composto desses dispositivos. Dessa forma, os formalistas não apreenderam o significado real do gênero” (MEDVEDEV, 1928, apud FARACO, 2003, p. 115).

O que constitui um gênero é a sua ligação com uma situação social de interação, e não as suas propriedades formais. Tomo como exemplo os gêneros biografia científica e romance biográfico, apresentado por Rodrigues (2005). Ainda que nesses dois gêneros seja possível encontrar traços formais semelhantes, eles são gêneros distintos, pois mesmo que os “valores biográficos” possam fazer parte na ciência e na arte, eles se encontram em esferas sociais diferentes, com funções sócio-ideológicas distintas (temos do lado da biografia científica uma

finalidade histórico-científica, e do lado do romance biográfico uma finalidade artística).

Ainda pensando no aspecto “relativamente acabado” dos gêneros, poder-se-ia resumir a discussão em torno de tal temática da seguinte maneira: os gêneros, segundo essa visão bakhtiniana, são resultados da fusão de três dimensões constitutivas, como bem sinaliza Bakhtin: i) o conteúdo temático ou aspecto temático - objetos, sentidos, conteúdos, gerados numa esfera discursiva com suas realidades socioculturais -, o qual tem a função de definir o assunto a ser intercambiado; ii) o estilo verbal ou aspecto expressivo – seleção lexical, frasal, gramatical, formas de dizer que têm sua compreensão determinada pelo gênero -; iii) a construção composicional ou aspecto formal do texto – procedimentos, relações, organização, disposição e acabamento da totalidade discursiva, participações que se referem à estruturação e acabamento do texto, que sinaliza, na cena enunciativa, as regras do jogo de sentido disponibilizadas pelos interlocutores.

Todo gênero tem um conteúdo temático determinado: seu objeto discursivo e sua finalidade discursiva, sua orientação de sentido específica para com ele e os outros participantes da interação.

Com isso, ratifico a ideia de que eles são responsáveis pela constituição de sentido. Sendo assim, os gêneros não conseguiriam significar simplesmente a partir dos três elementos básicos defendidos por Bakhtin.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- [1] Bakhtin, M. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1992.
- [2] _____. *Estética da criação verbal*. Trad. Maria Ermantina G. G. Pereira. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997a
- [3] _____. *Problemas da poética de Dostoiévski*. 2. ed. rev. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997b.
- [4] _____. Os gêneros do discurso. In: _____. *Estética da criação verbal*. Trad. P. Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003a. p. 261-306.
- [5] _____. O problema do texto na lingüística, na filologia e em outras ciências humanas. In: _____. *Estética da criação verbal*. Trad. P. Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003b. p. 307-335.
- [6] Brandão, H. H. N. Gêneros do discurso e formas de textualização. In: MACEDO, J.; ROCHA, M. J. C.; SANTANA NETO, J. A. de. *Discursos em análise*. Salvador: Universidade Católica do Salvador. Instituto de Letras, 2003. p. 35-51.
- [7] Faraco, C. A. *Linguagem & diálogo: as idéias lingüísticas do Círculo de Bakhtin*. Curitiba: Criar, 2003.
- [8] Rodrigues, R. H. Os gêneros do discurso na perspectiva dialógica da linguagem: a abordagem de Bakhtin. In: MEURER, J. L. et al. (Orgs.). *Gêneros: teorias, métodos, debates*. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.
- [9] Barros, D. L. P. Dialogismo, Polifonia, Enunciação. In: BARROS, D. L. P.; FIORIN, J. L. (Orgs.). *Dialogismo, Polifonia, Intertextualidade*. São Paulo: EDUSP, 2003.

³ Não devemos entender com essa noção do gênero como um tipo de enunciado que Bakhtin esteja se referindo a noção de tipo como de sequências textuais, mas devemos entendê-lo como uma tipificação social dos enunciados que apresentam certos traços (regularidades) comuns, que se constituem historicamente nas atividades humanas, em uma situação de interação relativamente estável, e que é reconhecida pelos falantes.